



A FARSA DO EVOLUCIONISMO CULTURAL EM LÉVI-STRAUSS

Autores: Douglas MENEGHATTI, João MARQUES NETO; Raul Fausto FERRARI BAGATINI; Elis Regina ALCHIERI DOS SANTOS; Sinara CALZA; Thiago Henrique KAEFER.

Identificação autores: Orientador IFC – Campus Concórdia; aluno do terceiro ano do Curso Técnico em Agropecuária; aluno do terceiro ano do Curso Técnico em Agropecuária; aluna do primeiro ano do Curso Técnico em Alimentos, aluna do segundo ano do Curso Técnico em Alimentos; aluno do primeiro ano do Curso Técnico em Informática para Internet.

RESUMO

O trabalho aqui proposto nasceu do projeto de ensino *Espaço de leitura e debates*, cujo objetivo é a leitura, compreensão e debate de autores clássicos. Para tanto, através do estudo da obra *Raça e História*, traçamos um itinerante que visa apontar os preconceitos oriundos da crença construída ao longo dos últimos séculos sobre a falsa dicotomia entre história cumulativa e história estacionária. O objetivo é elucidar sobre a grande diferença entre um evolucionismo biológico, proposto por Charles Darwin e portador de evidências paleontológicas, de um evolucionismo cultural, sustentado por autores como Joseph Arthur de Gobineau, um dos mais importantes teóricos do racismo do século XIX.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Iniciamos nossa reflexão com alguns questionamentos: você já se perguntou como as diferentes culturas evoluem? Será que de fato elas evoluem? Se uma cultura evolui, então ela é superior a outra? Durante o ano de 2017, nós do projeto de ensino “Espaço de leitura e debates” do IFC – *Campus Concórdia* realizamos a leitura do texto de Claude Lévi-Strauss *Raça e História*, discutindo suas ideias e refletindo sobre questões etnológicas que envolvem a diversidade de povos que existiram e existem em nosso planeta.

A partir disso, o objetivo foi mostrar que o evolucionismo Cultural, na verdade, não passa de uma simples confusão, de uma fantasia humana que busca famigeradamente por um *telos*. Claude tenta explicar que na verdade o termo evolução só pode ser empregado à forma biológica, como na teoria do evolucionismo de Darwin.

A análise estruturalista de Lévi-Strauss visa superar as formas preponderantemente etnocêntricas de olhar para algumas civilizações como





superiores a outras, seja por fatores econômicos, raciais ou geográficos. No que tange a relação entre os fatores biológicos e culturais, Lévi-Strauss (1980, p. 5-6) assim se expressa:

[..] quando passamos dos fatos biológicos para os fatos culturais, as coisas complicam-se duma maneira singular. Podemos recolher no solo objetos materiais e constatar que a forma ou a técnica de fabrico de um determinado objeto varia progressivamente de acordo com a profundidade das camadas geológicas. E, no entanto, um machado não dá fisicamente origem a outro machado tal como acontece com o animal. Dizer, no último caso, que um machado evoluiu a partir de um outro constitui uma fórmula metafórica e aproximativa, desprovida do rigor científico que se liga à expressão similar aplicada aos fenômenos biológicos. O que é verdadeiro para os objetos materiais cuja presença física é testemunhada no solo, para épocas determináveis, é-o ainda mais para as instituições, as crenças, os gostos, cujo passado geralmente desconhecemos. A noção de evolução biológica corresponde a uma hipótese dotada de um dos mais altos coeficientes de probabilidade que é possível encontrar no domínio das ciências naturais, quanto que a noção de evolução social ou cultural não constitui, quando muito, senão um processo sedutor, mas perigosamente cômodo, de apresentação dos fatos.

A partir da temática levantada, que aponta para a farsa de um “evolucionismo cultural”, o trabalho se justifica como uma reflexão sobre a diversidade cultural, com o intuito de verificar as relações que regem os seres humanos em suas mais variadas crenças, descobertas técnico-científicas, produções artísticas, enfim, em todos os aspectos culturais. Nesse viés, o objetivo maior é contrapor a ideia de uma univocidade cultural, raiz das mais variadas formas de preconceitos, em prol da afirmação e do respeito pela diversidade.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado tem como base uma pesquisa explicativa bibliográfica. O trabalho está alicerçado na obra *Raça e História* de Claude Lévi-Strauss.

Após a leitura e interpretação do texto, o grupo se propôs a mostrar a impossibilidade de um evolucionismo cultural. Para tanto, a ideia foi confrontada com outros autores.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho é fruto do resultado de um grupo de leitura do IFC – Campus Concórdia, que se reúne semanalmente para ler e discutir textos clássicos da Filosofia e da Antropologia. Além de lermos e interpretarmos, buscamos refletir sobre questões pertinentes as relações humanas, em seus aspectos éticos e políticos. Para tanto, a obra *Raça e história* serviu de base para estimular e fortalecer nossos debates.

A complexidade das relações humanas pode ser mencionada a partir da seguinte reflexão de Lévi-Strauss (1980, p. 4):

Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para indagar se os indígenas possuíam ou não alma, estes últimos dedicavam-se a afogar os brancos feitos prisioneiros para verificarem, através de uma vigilância prolongada, se o cadáver daqueles estava ou não sujeito à putrefação.

Um mesmo fato é visto sobre perspectivas diversas, a complexidade da antropologia trouxe como resultado reflexivo para o grupo, a necessidade de sermos tolerantes e abertos para as perspectivas que se renovam e alimentam as nossas discussões. Nesse sentido, a reflexão crítica sobre as relações sociais é o principal resultado a ser mencionado, pois para superarmos as amarras sociais e qualquer forma de dogmatismo ideológico é necessária o fortalecimento de um processo dialético, embasado na contradição e refutação constante de ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A civilização humana ocupa de maneira dominante a Terra a longos milênios, de tal maneira que temos a impressão de que todos os povos passam por estágios similares de desenvolvimento e que, portanto, caminhamos para uma univocidade dos seres. Contudo, através do nosso trabalho foi possível contrapor teorias que sustentam um evolucionismo cultural retilíneo e homogêneo. Dessa maneira, concluímos que cada civilização é única e se constrói nas suas particularidades



geográficas, sociais e históricas, a rigor a heterogeneidade é a única maneira para vislumbrarmos a humanidade em suas mais diversas perspectivas e nuances.

Enfim, negamos a ideia de um evolucionismo cultural sustentado por autores como Joseph Arthur de Gobineau, um dos mais importantes teóricos do racismo do século XIX, que afirmava ser a miscigenação a grande causa da degenerescência entre os povos. Recordamos ainda que a inexistência do evolucionismo cultural não possui relação nenhuma com o evolucionismo biológico, sustentado por Charles Darwin e pela ciência atual.

REFERÊNCIAS

CLAUDE, Lévi-Strauss. *Raça e História*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2844023/mod_resource/content/1/L%C3%89VI-STRAUSS%2C%20Claude_Ra%C3%A7a%20e%20hist%C3%B3ria.pdf

GOBINEAU, Joseph Arthur. *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Barcelona: Editorial Apolo, 1937. p. 14.

GOLDMAN, Marcio. *Lévi-Strauss e os sentidos da História*. São Paulo: Scielo, 1999 v. 42, n. 1. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011999000100012

